

A FORÇA DA MULHER NO TAMBOR DE MINA: REPRESENTADO NA SAPUCAÍ

THE STRENGTH OF WOMEN IN TAMBOR DE MINA: REPRESENTED IN
SAPUCAÍ

Ciências Humanas, Linguística & Letras e Artes • 17/10/2026

REGISTRO DOI: [10.70773/revistatopicos/792192841](https://doi.org/10.70773/revistatopicos/792192841)

Eli Duarte da Silva¹

Flávia Cristina Silveira Lemos²

Sueli Marques Ferraz³

Leomaura Miranda de Andrade Soares⁴

Edvan da Silva Oliveira⁵

Wemerson Marinho de Sousa⁶

RESUMO

O artigo analisa a representação da mulher no Tambor de Mina, religião afro-brasileira, por meio de enredos carnavalescos que resgatam figuras históricas e míticas. Em 2001, a Beija-Flor homenageou Agontimé, rainha jeje escravizada que teria fundado a Casa das Minas no Maranhão, simbolizando resistência e preservação da memória afro-atlântica (Giacomini, 2002; Ferretti, 1996). Em 2025, a Grande Rio destacou as princesas turcas encantadas — Mariana, Herondina e Toya Jarina — entidades do panteão da Mina que representam sabedoria, proteção e sincretismo cultural (Nogueira, 2009). Esses desfiles reforçam o Carnaval como espaço de reafirmação identitária, combatendo o apagamento das tradições afro-brasileiras (Hall, 2003). A discussão inclui a Cabocla Mariana, entidade indígena associada à cura e resistência, e Dona Maria de Lourdes, guardiã de saberes tradicionais no Tocantins, cujas práticas sincréticas (como a Reza do Divino) ilustram a perpetuação da cultura negra (Santos, 2002). O artigo conclui que o protagonismo feminino no Tambor de Mina sustenta memórias silenciadas, transformando a Sapucaí em palco de justiça histórica e empoderamento.

Palavras-chave: Tambor de Mina; resistência cultural; protagonismo feminino; Carnaval; ancestralidade afro-brasileira.

ABSTRACT

This article analyzes the representation of women in Tambor de Mina—an Afro-Brazilian religion—through Carnival themes that revive historical and mythical figures. In 2001, the Beija-Flor samba school honored Agontimé, an enslaved Jeje queen believed to have founded the “Casa das Minas” in Maranhão, thereby symbolizing resistance and the preservation of Afro-Atlantic memory (Giacomini, 2002; Ferretti, 1996). In 2025, Grande Rio highlighted the “enchanted

Turkish princesses"—Mariana, Herondina, and Toya Jarina—entities within the Mina pantheon who represent wisdom, protection, and cultural syncretism (Nogueira, 2009). These parades reinforce Carnival as a space for the reaffirmation of identity, countering the erasure of Afro-Brazilian traditions (Hall, 2003). The discussion encompasses “Cabocla” Mariana, an Indigenous entity associated with healing and resistance, and Dona Maria de Lourdes, a guardian of traditional knowledge in Tocantins; the latter’s syncretic practices (such as the “Reza do Divino”) illustrate the perpetuation of Black culture (Santos, 2002). The article concludes that the prominent role of women in Tambor de Mina sustains silenced memories, transforming the Sapucaí parade grounds into a stage for historical justice and empowerment.

Keywords: Tambor de Mina; cultural resistance; female agency; Carnival; Afro-Brazilian ancestry.

1. INTRODUÇÃO

O Carnaval, manifestação cultural de raízes europeias, foi ressignificado no Brasil como uma festa popular marcada pela diversidade e resistência, tornando-se um espaço privilegiado de representação das identidades afro-brasileiras. Na Avenida do samba, especialmente no Rio de Janeiro, as escolas de samba utilizam seus desfiles como formas de narrar histórias silenciadas e valorizar a ancestralidade negra. Em 2001, a Beija-Flor trouxe à Marquês de Sapucaí o enredo “Agontimé: resistência e memória afro-atlântica no Brasil”, exaltando a trajetória da rainha Agontimé, figura histórica que simboliza a força das mulheres nas religiões de matriz africana, resgatando a memória do povo jeje e seu legado no Tambor de Mina. Já em 2025, a Grande Rio prepara o enredo “As princesas turcas encantadas no Tambor de Mina: entre o sagrado e o

imaginário mítico”, dando continuidade à valorização da herança africana por meio das histórias que transitam entre o real e o mítico, destacando o papel feminino no culto e na preservação das tradições religiosas afro-brasileiras. Esses desfiles revelam o Carnaval como uma poderosa plataforma de resistência cultural, empoderamento feminino e reconstrução da memória negra no Brasil.

Em 2001 o destaque da Escola de Samba Beija Flor foi o Tambor de Mina de São Luís no Maranhão, sobretudo a saga de Agontimé. Sua trajetória foi resgatada com destaque no Carnaval de 2001 pela escola de samba Beija-Flor de Nilópolis, que levou para a avenida o enredo "A saga de Agontimé - Rainha de Daomé no Maranhão". O desfile foi uma homenagem à resistência cultural negra e aos vínculos entre África e Brasil, tratando da travessia forçada dos escravizados, do sofrimento e da preservação dos saberes e práticas religiosas de matriz africana. Com essa narrativa, a escola proporcionou um momento de visibilidade para uma personagem histórica que representa a dignidade e a força da mulher negra na formação cultural brasileira.

Já no Carnaval de 2025, a Escola de Samba Grande Rio levou para a Marquês de Sapucaí um espetáculo arrebatador e de profunda ancestralidade. A referida escola de samba conquistou o segundo lugar no Grupo Especial do Carnaval 2025 com um desfile marcante na Marquês de Sapucaí. Com o enredo “Pororocas Parawaras: As Águas dos Meus Encantos nas Contas dos Curimbós”, a agremiação de Duque de Caxias mergulhou na cultura paraense, celebrando as pororocas e os seres encantados que habitam as águas amazônicas.

Sob a direção dos carnavalescos Gabriel Haddad e Leonardo Bora, o desfile exaltou a força do Tambor de Mina, religião afroamazônica rica em simbolismos e lendas. Um dos destaques foi a representação das lendárias princesas turcas encantadas — Mariana, Jarina e Herondina — figuras míticas que, segundo a tradição, foram transportadas por um portal mágico para a floresta amazônica, tornando-se espíritos protetores da natureza.

Essas personagens foram interpretadas por grandes nomes da cultura paraense: Fafá de Belém (Mariana), Dira Paes (Jarina) e Naieme (Herondina). Cada princesa foi associada a um símbolo da floresta: Mariana à arara, Jarina à borboleta e Herondina à onça.

O desfile foi uma verdadeira celebração da memória, da fé e da resistência. Entre batuques, toques e cores vibrantes, a Grande Rio recriou em alegorias e fantasias amazônicas, onde as mulheres são não apenas sacerdotisas, mas também pilares na manutenção da cultura e da espiritualidade do povo.

A escola inovou ao dar protagonismo a figuras femininas encantadas do panteão da Mina, resgatando oralidades e cosmovisões muitas vezes invisibilizadas pelas narrativas hegemônicas. A figura de Herondina, por exemplo, foi apresentada como símbolo de sabedoria e realeza espiritual, enquanto Tuya Jarina surgiu como guerreira encantada que protege a mata e conduz os rituais com imponência e ternura.

O desfile também denunciou, com poesia e beleza, a luta contra o racismo religioso e o apagamento das tradições afro-brasileiras. As mulheres que mantêm vivo o Tambor de Mina foram

homenageadas como verdadeiras guardiãs da ancestralidade, da cura, do axé e da história não contada nos livros oficiais.

Mais do que um espetáculo carnavalesco, a apresentação da Grande Rio se tornou um manifesto cultural e espiritual. A Sapucaí ecoou os toques dos tambores, os cantos dos encantados e a afirmação de que, no coração do Brasil profundo, as mulheres encantadas seguem dançando, lutando e guiando com fé e força. Na próxima sessão iremos apresentar sobre o mito de Agontimé, nos próximos abordaremos a versão das princesas turcas no contexto amazônico.

2. AGONTIMÉ: RESISTÊNCIA E MEMÓRIA AFRO-ATLÂNTICA NO BRASIL

Agontimé, também conhecida como Nã Agontimé, foi uma rainha africana do Daomé (atual Benim) que ficou marcada na história como símbolo de resistência e ancestralidade. Filha do rei Adandozan, foi aprisionada e deportada para o Brasil por seu meio-irmão Ghezo, que assumiu o trono. A história de Agontimé ganha relevância tanto na trajetória da diáspora africana quanto na constituição dos cultos afro-brasileiros, especialmente no Maranhão, onde teria fundado ou inspirado a fundação da Casa das Minas, um dos mais antigos e respeitados terreiros de tambor de mina do país.

Segundo a pesquisadora Sônia Giacomini (2002), a figura de Agontimé simboliza a transposição do universo sagrado africano para o solo brasileiro, onde as divindades, rituais e práticas religiosas passaram por um processo de resignificação e resistência diante da repressão colonial. Além disso, estudiosos como Sérgio Ferretti (1996) apontam que a Casa das Minas preserva uma das mais autênticas

tradições jeje no Brasil, sendo herdeira direta de uma cosmovisão daomeana que Agontimé teria representado.

A homenagem da Beija-Flor teve, portanto, um caráter político-pedagógico ao provocar uma releitura crítica do passado escravista e das resistências negras, além de fortalecer a memória coletiva afro-brasileira. Como aponta Stuart Hall (2003), a identidade cultural é continuamente reconstruída a partir de narrativas que recuperam o passado e projetam sentidos para o presente. Agontimé, nesse sentido, emerge como um elo ancestral entre o continente africano e a religiosidade afro-brasileira, reafirmando a importância da oralidade, da tradição e da fé como formas de enfrentamento ao silenciamento histórico.

Concebo que Agontimé é o ensinamento sobre as práticas ancestrais mantidas, como também o ensinamento da resiliência, da necessidade de transformar e modificar nossos pensamentos, comportamentos é o movimento que a própria espiritualidade pede de nós para que possamos evoluir em direção ao bem-viver. Além de trazer a reflexão de que a evolução e a sofisticação tecnológica ao longo do tempo, não vence o que temos de mais original que é a oralidade instrumento que conduz a conexão do indivíduo com si mesmo com o universo e a espiritualidade, o homem em sua maior sabedoria e evolução não será capaz de criar uma conexão próxima e fidedigna consigo mesmo e com a espiritualidade e essa ligação não tem como ser feita se não for pelos conhecimentos ancestrais.

O que os colonizadores esconderam de nossa história, pode estar diretamente ligado a isso, a esse poder feminino na força existencial da população Africana. Seria um ponto de partida para pensarmos o porquê da proibição das manifestações religiosas do povo africano.

Essas práticas religiosas mostram poder de igualdade de gênero, mas o poder feminino é ressaltado com bastante ênfase nos rituais de religião afro. Essa reflexão nos permite também compreender o porquê da criação e elaboração sistemática da língua brasileira (portuguesa), a padronização linguística no Brasil é muito mais que conquista de um território como os que vemos nos processos de guerra historicamente.

Aqui ele se apresenta por meio de um interesse selvagem, desumano, excludente, misógino, com o apagamento de povos indígenas, culturas, línguas, conhecimentos e com a diáspora de várias etnias africanas que também foram violentadas e tiveram suas culturas e línguas esmagada.

Para compreendermos o poder feminino nas religiões afros, e como essa reflexão faz sentido pensando pela perspectiva de que herdamos o machismo do colonizador, vou trazer alguns aspectos da relevância das princesas turcas para refletirmos como é potente o que escapou do soterramento colonizador dos rituais dos nossos antepassados.

3. AS PRINCESAS TURCAS ENCANTADAS NO TAMBOR DE MINA: ENTRE O SAGRADO E O IMAGINÁRIO MÍTICO

No universo do Tambor de Mina, de Mina, uma das religiões afro-indígenas mais expressivas do Maranhão, existe um grupo de entidades espirituais envoltas em mistério e fascínio: as Princesas Turcas encantadas. Elas pertencem à linhagem dos encantados de origem branca ou moura, conhecidos como gentis, e são frequentemente descritas como belas, sábias, e detentoras de grande poder espiritual.

Essas entidades não são espíritos desencarnados como os caboclos ou pretos-velhos. Elas fazem parte do povo encantado, ou seja, seres que não morreram, mas foram “encantados”, ou ocultados, entre os mundos, habitando reinos místicos como o Reino das Águas, Reino das Matas ou Reino de Encantaria da Turquia, por exemplo. Segundo a tradição oral, as Princesas Turcas vivem em palácios de ouro, cercadas por outros encantados, exercendo influência sobre os planos espirituais e terrenos.

Essa ideia na narrativa do colonizador passa a ter significado de um mito ou uma lenda, observe que são palavras criadas pelo eurocentrismo para dar significado às produções e práticas de outros povos e outras culturas. Logo o mito passa a significar um relato fantasioso, excessivo e deturpado pela imaginação, não sendo diferente lendas significa também relatos orais ou escritos de acontecimentos fantásticos que são bastante duvidosos.

A produção linguística surge como forma de fazer com que as pessoas duvidem das práticas religiosas, das crenças dos seus antepassados e da veracidade do poder e da força do feminino. Apresenta como real e verdadeiro o poder masculino que vive conectado com Deus e é levado na carruagem de fogo. Exatamente mulheres não podem ser encantadas e serem levadas ao mundo espiritual antes de morrer, isso é mito é lenda é irreal, mas um homem, sim pode ser levado pela espiritualidade.

Observe que nas práticas religiosas o significado dos encantados é manifestado por mulheres, entre as mais conhecidas estão a Princesa Mariana, Princesa Herondina e, Princesa Toya Jarina. Embora chamadas de “turcas”, o termo aqui é simbólico e não deve ser entendido de forma literal. No imaginário do Tambor de Mina,

“turco” se refere a algo exótico, distante, real e mágico ao mesmo tempo. Essas entidades representam a fusão das influências mouriscas, árabes e europeias no imaginário popular afro-brasileiro.

Quando tive contato com a história das princesas turcas, comecei a refletir sobre como a história das mulheres que fazem parte da minha vida se assemelha com a energia trazida pelas princesas turcas nos rituais. Recordo-me da minha amiga Fátima Barros, mulher quilombola que liderava a luta pelo direito à terra de sua comunidade, em um território marcado pela violência da disputa de terra. Ela lutava bravamente, erguia suas mãos e fazia ecoar sua voz, na defesa do meio ambiente, das mulheres negras, dos jovens e crianças negras, urbanas e do campo, defendia a vida e o direito de viver.

Outra mulher que sua história me afeta é a de dona Juscelina uma mulher forte e destemida chegou na região liderando um grupo de pessoas vindos do estado do Maranhão em tropas, tornou-se referência como líder quilombola na região norte do estado do Tocantins, foi curandeira, parteira fez o parto de mais de 100 crianças, tinha o saber do cuidado, e a resistência da luta por direitos do seu povo.

Não podia deixar de destacar aqui a admiração que tenho pela história de vida de dona Cícera, mulher forte e tomada pela sabedoria da natureza, sabia as propriedades de cada planta, chás curativos, ervas medicinais. Dona Cícera, não só sabia tirar a propriedade das plantas, ela sabia como cultivá-las para que tivesse um resultado curativo eficaz. Mulheres que dominavam todos os conhecimentos e que mantinha a manutenção da vida das pessoas nessa região, afirmo sem medo de errar que os homens não teriam

sobrevivido às diversidades desse território se não estivessem sendo liderados, cuidados e orientados por essas mulheres sábias, que tinham em suas práticas a energia vital regida pelas forças da espiritualidade como as das princesas turcas.

Essa energia pode ser percebida pela forma como as princesas turcas se apresentam nos rituais, que segundo Nogueira (2009), o culto às Princesas Turcas no Maranhão está diretamente ligado aos processos de sincretismo e ressignificação cultural trazidos pelo contato entre culturas africanas, indígenas e europeias.

Elas simbolizam o feminino sagrado e a realeza espiritual, sendo evocadas em rituais para conselhos, proteção e cura. Suas manifestações são acompanhadas de danças elegantes, gestos refinados e cânticos em línguas inventadas ou arcaicas, que sugerem uma conexão com reinos longínquos e mágicos.

As festividades das comunidades lideradas por essas mulheres são momentos de agradecer aos antepassados e relembrar a história da diáspora e da grande invasão. As apresentações teatrais e as danças são bem representativas do processo histórico brasileiro, misturando santos e orixás, danças e músicas, rezas e orações que envolvem distintas culturas.

São elas a atração principal, no quilombo Dona Juscelina, às Mariana são destaque, um grupo de mulheres adultas e idosas, dançam e encantam com seus passos específicos e únicos, a história contada pela dança pelo gingado e pela movimentação feminina. Eu que sou um grande admirador deste grupo de mulheres, observo que não é uma dança comum, mas sim um ritual em que nossos ancestrais

celebram e festejam com seus descendentes e que a espiritualidade conduz cada movimento.

Fato que me faz refletir sobre a prática do ritual, as Princesas Turcas encantadas que demonstram um comportamento de nobreza e dignidade. Elas costumam usar trajes luxuosos – vestidos de seda, tiaras, véus – e têm preferência por perfumes finos, espelhos, leques e joias.

São cultuadas com extremo respeito e possuem uma forte presença nas festas de Mina e em casas tradicionais como o Casa das Minas e o Casa de Nagô, em São Luís. Mais do que personagens espirituais, as Princesas Turcas encantadas são guardiãs de saberes profundos. Elas expressam a força da mulher dentro do culto e revelam a riqueza do imaginário afro-brasileiro, onde o sagrado não tem fronteiras, e o encantamento é uma linguagem de resistência, identidade e memória ancestral.

Diante da breve apresentação podemos perceber que essa força feminina de fato assusta quem deseja dominar e assim se torna necessário combater essas manifestações por meio de repressões, proibições e retaliações, para além disso é necessário criar uma nova narrativa que seja obrigatório a seguir.

A palavra evangelização e catequização tem significado de extrema dor e sofrimento, sendo um valor muito alto para as populações indígenas, africanas e afro-brasileiras. Essa colonização espiritual acontece até os dias de hoje, e ela promove a manutenção do racismo, do preconceito e da violência para com o corpo feminino que transcende o físico orgânico alcançando as espiritualidades femininas.

Quando me dispus a realizar essa pesquisa, escolhi o programa em psicologia da UFPA, justamente por compreender que a ciência da psicologia seria o caminho para que eu pudesse trilhar com uma reflexão ética e que me possibilitaria a construção da empatia e o atravessar desse universo machista para a formação de um homem menos machista e mais consciente. Além de me possibilitar o movimento entre os diversos espaços da existência humana e dos distintos aspectos que constituem os indivíduos, foi a partir desse movimento que compreendi que a base que estrutura os meus comportamentos machistas está na minha formação religiosa, motivo pelo qual percebi a necessidade de conhecer as religiões de matrizes africanas.

Primeiro porque a unidade masculina da minha formação religiosa me incomoda, a partir da narrativa de um único Deus que criou o mundo e o primeiro casal na terra “Adão e Eva”, mas precisou de uma mulher virgem para gerar seu filho, “Jesus” entregou-o aos homens para ser assassinado.

Várias questões vão surgindo para compreender a que interessa essa narrativa, como por exemplo: porque Deus precisava de uma mulher para gerar seu filho? porque ela teria que ser virgem? me parece que o mito fundante sobre a criação do mundo e da humanidade não era mais convincente para controlar os corpos, como provar que alguém nasceu sem ser de uma mulher? mas o sexo é pecado, então como Deus poderia criar um filho pelo pecado? A virgindade, sim, poderia romper com esse problema e então de forma precisa controlar cada vez mais o corpo feminino. Entre outras reflexões me pergunto porque acreditei nessa única história contada pelo colonizador como certa? Talvez pelo fato de

que nasci homem coberto de privilégios e protegido pelo patriarcado.

Em segundo lugar, conhecer a verdadeira cultura religiosa do meu povo e também a história dos orixás, encantados entre tantas outras espiritualidades, visto que sou um homem negro, vítima do processo de branqueamento da nação brasileira. Deste modo busquei conhecer a Cabocla Mariana cultuada e respeitada em terreiros do Tambor de Mina, por ter sua personalidade baseada na resistência, tema que trataremos a seguir.

3.1. Cabocla Mariana do Tambor de Mina: Resistência, Identidade e Ancestralidade

A Cabocla Mariana é uma das entidades mais reverenciadas no Tambor de Mina, religião de matriz afro-indígena presente principalmente no Maranhão. Como parte da falange dos Caboclos espíritos de origem indígena ou mestiça que atuam como guias espirituais, Mariana representa não apenas uma força espiritual, mas também um símbolo de resistência cultural e histórica das populações afrodescendentes e indígenas brasileiras.

Segundo os estudiosos da religiosidade popular brasileira, os caboclos no Tambor de Mina são figuras centrais, pois reúnem elementos do indígena, do negro e do branco, revelando a complexa tessitura étnica da formação cultural do Brasil. A Cabocla Mariana, em especial, é tida como uma entidade guerreira, forte, justa, ligada à natureza e à cura, sendo evocada nas festas, rituais e giras de tambor com grande devoção.

Na perspectiva de Regina Santos (2002), o Tambor de Mina se constitui como uma "tradição viva de resistência cultural", onde

entidades como a Cabocla Mariana representam o elo entre o passado ancestral e o presente das comunidades que mantêm essas práticas vivas. A presença de Mariana nas casas de Tambor também reflete uma espiritualidade marcada por um forte sentimento de pertencimento e identidade coletiva, sendo uma guardiã dos saberes tradicionais e da memória dos povos que enfrentaram o apagamento colonial.

Sua indumentária muitas vezes remete à força feminina – saias rodadas, cocares e ornamentos que misturam elementos indígenas e africanos. Suas danças e cânticos têm funções terapêuticas e sociais, promovendo o equilíbrio espiritual dos fiéis e fortalecendo os laços comunitários.

A Cabocla Mariana transcende a figura de uma simples entidade espiritual. Ela simboliza a mulher guerreira, a ancestral que cura e orienta, a cabocla que representa o sincretismo e a resistência dos povos do Brasil profundo. O breve conhecimento sobre a história dessa Cabocla me faz lembrar da trajetória de mulheres forte e energizadas que fazem parte da minha vida, entre elas minha amiga Izarethe, professora da rede pública, mas que tem sua infância e adolescência marcada pelas mais diversas violências que o corpo feminino negro pode carregar.

Lutou bravamente para ser inserida no mercado de trabalho de forma que garantisse sua dignidade e dos seus familiares. Considero que a espiritualidade sempre encaminha essas mulheres, compreendo isso a partir da formação acadêmica de Izarethe em geografia, tornando-se pesquisadora dos saberes do território do quilombo dona Jocelina. É por meio desse movimento acadêmico que ela leva a história real do nosso povo e que promove reflexões

sobre os conhecimentos tradicionais e a profundidade da sabedoria dos territórios.

Encantado com o conhecimento da força da encantaria, me permito sentir livre para explorar esse terreno repleto de novos saberes e atravesso os limites das minhas crenças limitantes e disponho a conhecer as encantadas Herondina e Jarina, que compreender como essas mulheres comando a força e a sabedoria de forma tão corajosa e equilibrada. No tópico a seguir vamos refletir sobre a história dessas duas encantadas.

3.2. Herondina e Toya Jarina: Equilíbrio, Sabedoria, Força e Coragem

A Princesa Herondina é reconhecida por sua serenidade, sabedoria e presença nobre. É descrita como uma mulher de fala mansa, mas firme, que carrega consigo uma aura de poder contido e equilíbrio espiritual. Seu reinado é associado às águas profundas e silenciosas, onde guarda segredos antigos das linhagens encantadas. Quando se manifesta nos rituais, Herondina dança com elegância e delicadeza, como quem desenha no ar os códigos de uma linguagem ancestral. Veste-se de branco e dourado, adornada com véus e joias finas, evocando a grandeza dos palácios encantados.

Já Toya Jarina, também chamada de "Princesa Guerreira", representa o aspecto mais combativo e protetor das encantarias femininas. É uma figura de força, coragem e autoridade. Diferente da suavidade de Herondina, Toya Jarina se manifesta com energia e firmeza, protegendo seus filhos espirituais e combatendo as injustiças espirituais e materiais. Sua dança é marcada por movimentos decididos e poderosos, e seus símbolos muitas vezes remetem à

guerra sagrada e ao domínio sobre forças ocultas. Veste-se com cores fortes vermelho, azul ou dourado e suas falas são respeitadas como decretos reais.

Conhecer a história e a personalidade de Jarina me faz sentir um homem privilegiado, essa também não por acaso é a personalidade da minha companheira e parceira Suelí Marques. Mulher que lidera com firmeza e coragem para alcançar seus objetivos, que enfrenta as barreiras das guerras da desigualdade social que defende os princípios éticos de uma prática do compromisso social. Ela é de guerra enfrenta os desafios de uma mulher negra, usando cores vibrantes, seu vermelho majestoso é o sinal que ela chegou e não vai calar enquanto não for ouvida e compreendida.

Assim como Jarina, percebo em Suelí, a força ao defender sua comunidade, amigos e filhas, não deixa para trás aqueles que pertencem ao seu ciclo de amizade, Suelí é energia que nos leva a acreditar na superação e na conquista por um viver mais digno e justo. Se a luta é de um membro do coletivo, da comunidade, tenha certeza que ela está na linha de frente, ressalto aqui que sou o resultado dessa união e proteção da energia que essa mulher tem em suas práticas cotidianas que nos impulsiona a vencer. Agora percebo que a potência desta mulher está diretamente ligada às energias ancestrais e que suas lutas fazem todo sentido para a garantia da sobrevivência do corpo feminino dentro desse sistema patriarcal e machista.

É grandioso saber que as duas princesas, Herondina e Jarina, fazem parte de um panteão encantado que transcende as fronteiras da história oficial. Elas não foram personagens históricos como conhecemos, mas pertencem a um tempo mítico, um tempo

encantado onde realidade, mito e espiritualidade se entrelaçam. Seus nomes ecoam em pontos cantados, em rezas e oferendas, e sua presença é sinal de que a força do feminino sagrado está viva nas práticas culturais e espirituais do povo de santo.

Para mim estão presentes no dia-a-dia das mulheres amazônicas que sobrevivem de uma força sobrenatural, de um encantamento único que garante a existência das comunidades tradicionais e das pessoas negras nos territórios. Promovendo o equilíbrio entre humanos, fauna e flora possibilitando as diferentes formas de viver por meio de ações de acolhimento e luta.

Como podemos ver no culto do Tambor de Mina, em que Herondina e Toya Jarina simbolizam o equilíbrio entre sabedoria e ação, entre o acolhimento e a luta. São rainhas de um mundo invisível que ainda pulsa nas águas, nas matas, nos altares e nos corpos em transe das cerimônias. Suas histórias são contadas em segredo, passadas de boca em boca, de mãe para filha, de mestre para aprendiz, como joias preciosas da memória afro-indígena-brasileira.

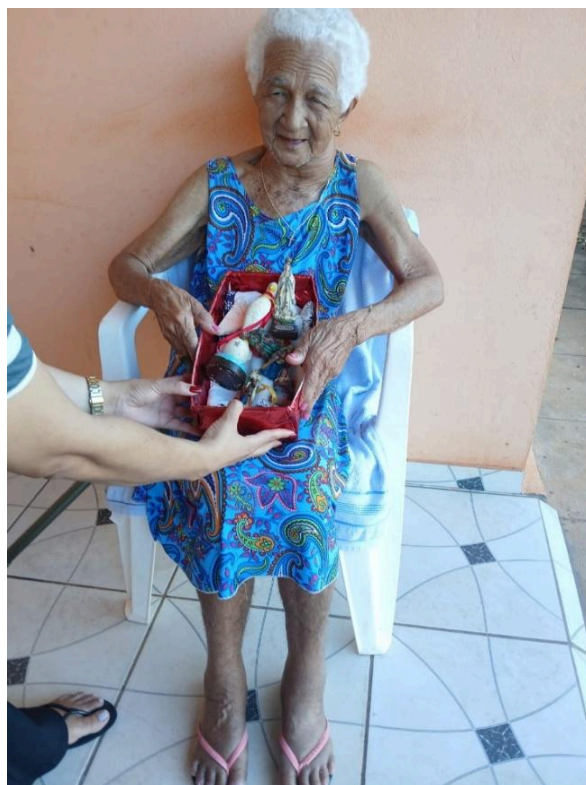
4. DONA MARIA DE LOURDES: EXEMPLO DE RESISTÊNCIA E VALORIZAÇÃO CULTURAL NO CONTEXTO DO TAMBOR DE MINA

Maria de Lourdes Batista, nasceu em 17 de novembro de 1933, na região conhecida como Ressaca no município de Carolina no Estado do Maranhão. Mulher negra, de família humilde que desde cedo aprendeu com sua mãe, dona Joana, sobre fé e resistência. Mãe de três filhas, Alice, Raimundinha e Cleonice, é avó de 13 netos, 20 bisnetos e 3 tataranetos.

A história de Dona Maria de Lourdes — também chamada Maria Minu — pode ser inserida neste contexto como um exemplo de

resistência cultural e valorização da herança afro-brasileira, especialmente no contexto do Tambor de Mina. Como moradora do Reassentamento urbano Coletivo, em Babaçulândia, sendo, assim, uma importante narradora do Rio Tocantins. Anualmente, Dona Maria realiza a tradicional Reza do Divino Espírito Santo, na sua residência, que antes se localizava na Rua de Baixo (Soares, 2023, p. 109). Com suas práticas, cria estratégias de sobrevivência no novo território, partilhando as mesmas formas de sociabilidade, convívio e religiosidade. Por meio dela, a identidade cultural (Hall, 2003) é continuamente reconstruída por meio das suas narrativas, que recuperam seu passado e projetam o presente.

Figura 1. Dona Maria Minu



Fonte: Arquivo de imagens dos autores.

Por meio da prática do Tambor de Mina, dona Maria representa uma tradição viva de resistência cultural (Santos, 2002) que mantém vivo o elo entre o passado ancestral e o presente das comunidades. Ela cultiva o mesmo batuque do tambor, como encontrado no Tambor

de Mina, na tradicional Reza do Divino Espírito Santo, todo dia 8 de junho. Esse sincretismo é identificado a partir da religião afro-brasileira de matriz africana, especialmente popular no Maranhão e em outros estados do nordeste e amazônico.

A presença da batida no tambor foi parte da promessa que seu esposo, Seu Gabriel, fez ao Divino Espírito Santo quando ela convalescia de terrível dor nos dentes. A narradora é questionada se foi com ele que ela havia aprendido bater o tambor. Ela responde:

Não, foi com ele. A família do Gabriel era, assim, uma família muito católica. Acho que eles tinham mais influência... quando a gente chegou ele não apresentou nada disso. Sempre ele apresentou-se assim, católico, gostava das rezas.

Eles, sem acesso à saúde, recorriam à fé e à natureza (com as beberagens, medicina natural, chá, garrafadas, banhos e óleos extraídos de animais e de plantas). Sobre a tradição que o marido, seu Gabriel trazia, ela narra:

Aí ele rezava. Tinha aquele cordão. Tinha gente passando mal. Aí ele dava o cordão. Tinha gente passando mal, passando mal. Aí ele dizia assim: “pode levar o cordão. Pode confiar em Deus e na reza”. Na hora de amarrar já melhorava. Aí ficava bom.

De acordo com a promessa, enquanto tivesse vida, Dona Maria Minu iria rezar com muita fartura de comida todo ano para o Divino e naquele dia, bater o tambor em três casas da sua vizinhança: “Fazia aquele círculo de mulher rezando, rezando... Era bonito elas cantando. Quando terminava aquela reza. Quem colocava o mastro

no chão era quem ia dar conta dele no próximo ano [...] Era comida, era comida. Era um movimento.”

As palavras de Maria Minu descrevem os processos de sincretismo e ressignificação cultural (Nogueira, 2009) iniciado a partir da família do esposo:

Eles eram um povo rezador, rezador. Rezavam pro Divino, pro Reis. Dia dos Reis eles rezavam, Divino eles rezavam. São João, 24 de junho, quando faz fogueira e botam o mastro. Quando era o dia eles iam pra mata. Escolhiam um pau alto, alto [...] Quando era o dia da Reza, eles faziam a fogueira, cavavam aquele buraco fundo. No dia da reza de São João eles derrubavam o pau.

Figura 2. Dona Maria, a filha e a entrevistadora com a Bandeira do Divino.



Fonte: Arquivo de imagens dos autores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste artigo, buscou-se evidenciar a força da mulher nas religiões afro-brasileiras, em especial no Tambor de Mina, por meio das representações culturais levadas à Marquês de Sapucaí pelos desfiles das escolas de samba. A homenagem à rainha Agontimé em 2001 pela Beija-Flor, com o enredo “Agontimé: resistência e memória afro-atlântica no Brasil”, resgatou a trajetória de uma mulher negra que, mesmo diante do exílio e da dor da diáspora, preservou e difundiu a espiritualidade jeje, sendo símbolo de luta, ancestralidade e resistência.

A força da mulher também é reconhecida pela prática do Tambor de Minas com que dona Maria representa uma tradição viva de resistência cultural. Cultivando o mesmo batuque do tambor, como encontrado no Tambor de Mina, ela participa da tradicional Reza do Divino Espírito Santo todo dia 8 de junho.

Em 2025, a Grande Rio dá continuidade a essa valorização das tradições do Tambor de Mina com destaque no abre alas, as princesas turcas encantadas no Tambor de Mina: entre o sagrado e o imaginário mítico, mergulhando na mitopoética feminina que compõe o panteão encantado da religiosidade afro-amazônica. Complementando essa análise, a figura da Cabocla Mariana, também do Tambor de Mina, revela outra camada da força feminina, ao representar não só o elo com os encantados e caboclos, mas também a afirmação de uma identidade afro-indígena marcada pela cura, sabedoria e resistência popular.

A partir dessas figuras, observa-se que o protagonismo feminino é essencial para a manutenção das memórias, dos saberes e das práticas religiosas afro-brasileiras. As representações no Carnaval carioca não apenas homenageiam essas mulheres, mas contribuem para ampliar o debate sobre a presença negra e feminina na formação cultural e espiritual do Brasil, transformando a Sapucaí em um espaço de memória, política, afirmação e justiça histórica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, José Ramos de. **Encantaria Brasileira**: o livro dos mestres, caboclos e encantados. São Paulo: Pallas, 2013.

BARROS, José de Souza. **Tambor de Mina**: religião e identidade no Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2005.

FERRETTI, Sérgio. **Quaresma, sacrifício e festa**: religiosidade popular no Maranhão. São Luís: Edição do Autor, 1996.

GIACOMINI, Sônia. **O rei, o pai e a morte**: a religião vodum na antiga Costa dos Escravos. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MOURA, Carlos. **As religiões negras do Brasil**. São Paulo: Ática, 1989.

NOGUEIRA, Livia. **Encantarias do Maranhão**: entre o real e o invisível. São Luís: EDUFMA, 2009.

SANTOS, Regina. **Tambor de Mina**: tradição viva de resistência cultural. São Luís: EDUFMA, 2002.

SILVA, Emanuel de Jesus. **O Reino dos Encantados**: estudo sobre o Tambor de Mina no Maranhão. São Luís: EDUFMA, 2010.

SILVA, Reginaldo Prandi. **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SOARES, Leomaura Miranda de Andrade. **Os modos de vida de um povo antes e depois da formação do Lago da Usina hidrelétrica de Estreito**: memórias e narrativas sobre a adaptação ao reassentamento urbano coletivo em Babaçulândia, TO. 2023. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação de Estudos em Cultura e Território, Universidade Federal do Norte do Tocantins, Araguaína, 2023.

¹ Historiador, Pedagogo, Mestre em Cultura e Território (UFNT). Doutor em Psicologia na UFPA. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2739420836297341>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6819-0969>.

² Graduada em Psicologia. Mestra em Psicologia e Sociedade (UNESP, 2003). Doutora em História Cultural (UNESP, 2007). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8132595498104759>.

³ Historiadora, Psicóloga, Pedagoga. Mestre em Cultura e Território (UFNT). Doutora em Psicologia (UFPA). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3635-5412>.

⁴ Pedagoga. Mestra em Cultura e Território (UFNT) e Professora da Educação Básica. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2375399287202333>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-8902-3827>.

⁵ Graduado em Administração Pública, Mestre em Estudos de Cultura e Território (UFNT). E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1258176729175687>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6236-9522>.

⁶ Licenciado em Educação do Campo com habilitação em Artes pela UFT (2019). Mestre em Estudos de Cultura e Território UFNT. E-mail: [acesse o artigo original para visualizar o e-mail](#). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0117232576003546>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0003-0555-7035>.